IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

CHOVENDO SANGUE: PROCESSO ARTÍSTICO PEDAGÓGICO AUDIOVISUAL EM PROL DA EDUCAÇÃO MENSTRUAL

EIXO 30 - Pedagogias de Gênero e Sexualidade em Artefatos Culturais: Potencialidades para a Educação e a Formação Docente

Gisele Motta Ferreira [1]

RESUMO

A educação menstrual é um campo emergente, protagonizado por coletivos feministas na América Latina. Considerada um precursor da educação sexual, é reivindicada como conteúdo escolar e não escolar. Nossa perspectiva baseia-se na educação menstrual emancipadora e decolonial, da colombiana Carolina Ramires, do coletivo Princesas Menstruantes e idealizadora da Emancipadas, escola de educação menstrual. Além da articulação com o ensino de ciências e o autoconhecimento do corpo, temos como foco desconstruir o tabu menstrual, um dos marcos misóginos da infância e adolescência de meninas. Por meio da produção audiovisual comunitária e de uma pedagogia das margens, criamos o curta-metragem *Chovendo Sangue*. A produção captou recursos estaduais, articulou-se com a extensão universitária e processos artísticos pedagógicos, envolvendo oficinas, ações diretas e parcerias com artistas independentes.

Palavras-chave: Educação menstrual; Pedagogia das Margens; Produção audiovisual;

INTRODUÇÃO

O curta-metragem "Chovendo Sangue" é um falso documentário que explora o fenômeno climático fictício de chuva de sangue menstrual. A proposta é abordar, de maneira criativa e provocativa, questões relacionadas à menstruação, dignidade menstrual e as narrativas sociais e culturais que envolvem esse tema. A principal referência para o estilo e abordagem do curta é o filme "Recife Frio", de Kleber Mendonça Filho. Em sua feitura, coletiva, artesanal e de baixíssimo orçamento,está exposto um modo de fazer que aposta em processos artístico-pedagógicos. Ganhamos

1 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Santa Cruz, gmferreira.pdg@uesc.br;

um fomento de R$40.000,00 da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SecultBA) através da Lei Paulo Gustavo e também um edital interno da Universidade Estadual de Santa Cruz, através do Programa de Extensão Cinema na Comunidade, que nos garantiu uma bolsista, que muito nos apoiou, assumindo um papel de assistente de produção.

Chamamos esse processo artístico-pedagógico que constrói produtos midiáticos coletivos de Pedagogia das Margens, uma metodologia desenvolvida dentro do Coletivo Zona de Cinema, e sistematizada em vivências e publicações (Ferreira e Ferreira, 2022).

Neste processo, valorizamos produções intelectuais brasileiras e da latinoamerica,num processo decolonial e nos aliamos à concepção dialógica de Paulo Freire (2005) da educação, na qual é necessária a escuta ativa dos envolvidos, evidenciando o território como interseccionalidade.

Durante as aulas da IV Formação de Educadoras Menstruais pelo Mundo tivemos a oportunidade de ter contato com uma grande referência em educação menstrual na AMérica Latina, a Carolina Ramirez. Formada em Psicologia Social e especializada em Cultura de Paz. é a criadora do Proyecto Literario y Pedagógico Princesas Menstruantes e da Escuela de Educación Menstrual. Carol é idealizadora do conceito de educação menstrual emancipadora. Além de disseminar generosamente esta ideia, nos mostrou a importância de ter autonomia investigativa e de pesquisa, criando práticas de pesquisas populares e independentes, com foco nas necessidades das pessoas e territórios.

Ramirez propõe uma educação menstrual como parte de um estudo autônomo sobre uação, que não se reduz à uma explicação biológica, mas foca no tabu ual como alvo de crítica e disputa de narrativas. No livro Educación ual Emancipadora: una vía para interpelar la misoginia expresada en el tabú menstrual, ela propõe

> a educação menstrual como via de resistencia e transformação como a peça que faltava no quebra-cabeças da dignidade das mulheres [...] O livro questiona as ideias sobre menstruação e analisa causas e efeitos do tabu menstrual que gera danos e se convertem em estratégias de controle (RAMIREZ, 2022, p.11).

Citando Paulo Freire e a emancipação que parte do diálogo, a autora diz que

> pensar educação menstrual exige priorizar um modelo educativo com perspectiva crítica, que subverta a ordem social estabelecida e que procure que as sujeitas questionem, desafiem e exerçam resistência aos modelos dominantes [...] uma educação horizontal, antipatriarcal, que reconheça os saberes localizados e se esforça para construir autonomia (Ramirez, 2022, p.14)

É nesses sentidos, que compreendemos a dimensão política e pedagógica da nossa produção intelectual, artística e cultural. Inseridas numa sociedade machista, patriarcal e misógina, compreendemos nossas produções e produtos como feministas na medida que buscam ser ferramentas para insurgência e resistência.

A partir dessa perspectiva, os principais objetivos do curta-metragem *Chovendo Sangue* foram: realizar um filme de ficção utilizando o dispositivo criativo do falso documentário, fortalecer nossa rede de mulheres feministas, fomentar a produção cultural feita a partir das margens, ampliar o protagonismo feminino na indústria criativa e discutir o tabu menstrual e a crise climática por meio de estratégias lúdicas.

METODOLOGIA

A ideia da Pedagogia das Margens (Coletivo Cine-Fórum, 2022) surgiu durante a Formação Livre em Cinema e Educação (FLCE), um projeto do coletivo de cinema brasileiro @zonadecinema.art.Construída de forma artesanal em contexto pandêmico pelas cineastas Gisele Motta e Catu Rizo, a formação tece fortes relações com a auto narrativa, com os territórios periféricos e com releituras da Pedagogia do Cinema (Bergala, 2008). Foram quatro edições até o momento, sendo a última híbrida, com encontros presenciais A proposta partiu do fazer-cinema (Bergala, 2008) como método de criação artística e de protagonismo dos aprendizes, na busca por uma educação emancipadora e libertadora (Freire, 2005). de forma coletiva, citando

especialmente a contribuição de Joelma Rodrigues, realizadora audiovisual acreana que participava do processo pedagógico trazendo com sensibilidade a relação com seu território e a importância das águas, que funcionam para o transporte fluvial, uma realidade bastante diferente da que Gisele e Catu traziam como fluminenses. Joelma fala sobre uma Pedagogia dos Rios e desdobramos para pensar onde nos conectamos enquanto sujeitos marginalizados de forma diferente a partir do território: ela numa periferia nacional e nos em centros urbanos nacionais, ocupando suas periferias internas: Baixada Fluminense e Zona oeste. Com Joelma, realizamos o primeiro encontro online com esse nome, em 2021, em articulação com o Cine Educação[2].

A Pedagogia das Margens usa a Pedagogia de Cinema como base, mas subverter seus dispositivos. A Pedagogia do Cinema entende que a apresentação de referências cinematográficas é um primeiro passo para a produção de filmes, e tem seus paradigmas para apresentá-las para crianças e jovens. Começa por apresentar a história e obras dos irmãos Lumière (os primeiros filmes, de 1 minuto), passa por apresentar trechos de longas-metragens do cânone europeu, principalmente francês, e parte para a produção a partir de temas amplos (ex: o clima, a brincadeira) pré-definidos anualmente e compartilhados por todos os coletivos que atuam a partir da metodologia, na sua rede internacional. A partir da apropriação do Zona de Cinema desta metodologia começamos a subverter alguns pontos. Passamos a trabalhar apenas com filmes brasileiros, trocamos os trechos de longas por curtas-metragens exibidos completos e apostamos nos temas geradores sugeridos pelos estudantes. A partir dessas rupturas entendemos que estamos criando outra forma de fazer, que chamamos de Pedagogia das Margens. Esta metodologia que nasce da prática está bastante alinhada à Educação Libertadora de Paulo Freire que focam no território e na emancipação dos sujeitos como propósito das artes, chaves na transformação social para o bem viver.

Nesses encontros começamos a perceber semelhanças nos desafios e potencialidades de diferentes territórios periféricos (CARTA DA MARÉ/OBSERVATÓRIO DAS FAVELAS, 2017). O que conecta as favelas das

2 https://www.youtube.com/watch?v=_ba7u14I1Rw

megalópoles e vilarejos do interior? Certas questões transpassam fronteiras. Podemos falar sobre o acesso precário a aparelhos culturais e educativos e deficiência das políticas culturais até impactos das mudanças climáticas e racismo ambiental. Podemos falar, e falamos. Este fato-fala é novo e importante, pois a partir da reflexão coletiva criamos conceitos próprios que nos impulsionam a sair de lugares comuns e estereótipos (ADICHIE, 2019) criados por epistemologias e imaginários desconectados com a realidade social que vivemos. A Pedagogia das Margens parte de um protagonismo descentralizado e plural na criação de narrativas audiovisuais e dispositivos de criação para que surjam novas formas de ver, ouvir, pensar, partilhar e inventar mundos dentro e fora da tela cinematográfica.

Dentro da Uesc, Programa Cinema na Comunidade, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), abrange quatro projetos ao todo: Cinema na UESC, Cinema no Salobrinho, Produção Audiovisual Comunitária e Laboratório Didático e Audiovisual em 2023. Ao iniciar minha atuação no projeto Cinema na Comunidade, em maio de 2023, expressei o desejo de participar especificamente do Projeto de Produção Audiovisual Comunitária visto que pesquiso e pratico a metodologia Pedagogia do Cinema (Bergala, 2008) e a Pedagogia das Margens (Ferreira e Ferreira, 2022). Atuei como bolsista entre julho de 2023 e julho de 2024 e busquei desenvolver os potenciais da educação a partir da cultura digital especialmente a partir do audiovisual. Quando conseguimos o aporte da Secult/BA e do Edital Uesc Comunidades, iniciamos um processo artístico-pedagógico para a construção do curta Chovendo Sangue, buscando articular ações de educação menstrual com diferentes linguagens artísticas.

No dia 15 de maio de 2024, foi realizado um cine-debate e uma oficina de educação menstrual em referência ao Dia da Dignidade Menstrual, celebrado em 28 de maio.O evento contou com a exibição do filme"Sangue entre as Pernas", dirigido por Gisele Motta, seguido por uma oficina de sensibilização focada em teatro e expressão corporal. A esquete "Tempo para Mim", de Marina Natal, foi apresentada como parte do debate cultural sobre educação menstrual, integrando o processo de feitura do curta-metragem"Chovendo Sangue". A apresentação ocorreu no Centro de Cultura Adonias

Filho, em Itabuna . No dia 19 de junho de 2024, das 14h às 17h, foi realizado o evento "Cinedebate e Oficina de Fanzine: Educação Menstrual" na Sala 2 do Centro de Cultura Adonias Filho, em Itabuna. A oficina incluiu a exibição do curta "Menarca" de Lillah Halla, seguida pela criação de fanzines como uma forma de reverberação do debate sobre menstruação. A prática de criação de fanzines, que são publicações independentes produzidas por entusiastas de uma cultura, foi liderada por Mariana Carvalho Gomes.

No encerramento das atividades de gravação do projeto "Chovendo Sangue", realizamos uma oficina de Abayomi. Abayomi são bonecas conhecidas na cultura popular e em comunidades de tradição religiosa de matriz africana. Na historia oral essas bonecas de retalho eram feitas por mulheres africanas trazidas para o Brasil durante a escravidão, com o intuito de acalmar e entreter seus filhos. No entanto, essa história popular é contestada pela artesã maranhense Lena Martins, que reivindica a autoria das bonecas Abayomi no final dos anos 1980, durante um período de intensa produção de conhecimento e crescente visibilidade do movimento das mulheres negras.Apesar das diferentes narrativas, ambas as histórias das bonecas Abayomi representam resistência e valorização do povo negro. A oficina proporcionou uma reflexão sobre essas duas versões, destacando a importância da história e cultura afro-brasileira na luta por reconhecimento e valorização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação da Pedagogia das Margens no contexto do projeto Cinema na Comunidade demonstrou a relevância da abordagem descentralizada e plural na criação de narrativas audiovisuais. A análise dos resultados obtidos revelou a interseção entre território, educação libertadora e produção audiovisual como ferramenta de empoderamento social e cultural.

A produção de Chovendo Sangue demonstrou a força do audiovisual como ferramenta de mobilização social. Os cine-debates e oficinas sobre educação menstrual promoveram um espaço de reflexão e a construção de redes de apoio, evidenciando o papel do cinema na promoção de direitos e na transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que a Pedagogia das Margens se consolida como uma metodologia inovadora e coerente com as epistemologias do Sul Global, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e engajados na transformação social. A prática reafirma a potência da arte e do audiovisual na educação e na luta por justiça social, demonstrando que a periferia não é apenas um espaço de carência, mas também de potência criativa e produção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BERGALA, Alain. *A Hipótese-cinema*. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008. (Coleção Cinema e Educação).

DAS FAVELAS, Observatório. *Carta da Maré - Manifesto da Periferia: as periferias e seu lugar na cidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL "O QUE É A PERIFERIA AFINAL E QUAL O SEU LUGAR NA CIDADE?"*, 2017, Favela da Maré/Rio de Janeiro. Carta da Maré

FERREIRA, Gisele. FERREIRA, Gabriela. Caderno de Resumos do Coletivo Cine-Fórum:Cinema,Literatura, Linguística, Debate e Sociedade–Especial InterAção da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Selo Editorial Coletivo Cine-Fórum, 2022. Disponível em:https://anaisonline.uems.br/index.php/cineforumuems/issue/view/135/58. Acesso em 24/06/2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

RAMIREZ, Carolina. Educación Menstrual Emancipadora: una vía para interpelar la misoginia expresada en el tabú menstrual. Mendellín: Alcadía de Mendellín - Secretaria de las Mujeres, 2022.